



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – HABILITAÇÃO LÍNGUA
PORTUGUESA

ANA CRISTINA NOGUEIRA VIEIRA

**CONCEPÇÕES DE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NA VISÃO DO
PROFESSOR DE ENSINO MÉDIO**

CAMPINA GRANDE – PB
2014

ANA CRISTINA NOGUEIRA VIEIRA

**CONCEPÇÕES DE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NA VISÃO DO
PROFESSOR DE ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras na habilitação Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Graduada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tânia Maria Augusto Pereira

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V658c Vieira, Ana Cristina Nogueira.
Concepções de ensino de língua materna na visão do professor de ensino médio [manuscrito] / Ana Cristina Nogueira Vieira. - 2014.
22 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Tânia Maria Augusto Pereira, Departamento de Letras".

1.Língua portuguesa. 2. Língua materna 3. Linguística. 4. Ensino. I. Título.

21. ed. CDD 469

ANA CRISTINA NOGUEIRA VIEIRA

CONCEPÇÕES DE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NA VISÃO DO
PROFESSOR DE ENSINO MÉDIO

BANCA EXAMINADORA

Tânia Maria Augusto Pereira NOTA: 8,0

Prof. Dr.ª Tânia Maria Augusto Pereira
Orientadora

Teresa Neuma F. Campina NOTA: 7,0

Prof. Ms. Teresa Neuma de Farias Campina
Examinadora

Marcelo Vieira da Nobrega NOTA: 7,5

Prof. Ms. Marcelo Vieira da Nobrega
Examinador

Artigo aprovado em: 11 de junho de 2014

Média: 7,7 (sete vírgula sete)

CAMPINA GRANDE – PB
2014

CONCEPÇÕES DE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NA VISÃO DO PROFESSOR DE ENSINO MÉDIO

VIEIRA, Ana Cristina Nogueira¹

Resumo

Este trabalho tem por objetivo geral identificar a concepção de professoras de ensino médio acerca do ensino de língua materna e como esta concepção influencia os procedimentos didático-pedagógicos em sala de aula. A partir dos problemas apresentados nas metodologias das professoras, especificamente, pretende-se propor alternativas para uma educação linguística mais eficiente no ensino médio. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Dr. Elpidio de Almeida, no município de Campina Grande em Março de 2014. A escolha deste objeto de estudo se justifica pelo fato de que em muitas metodologias trabalhadas pelos professores de ensino médio predomina o estudo tradicional da gramática. Muitas vezes, esse ensino não atinge o objetivo esperado que é desenvolver a competência comunicativa do aluno, adequando-a às diversas situações de comunicação. Serviram como suporte teórico- metodológico os estudos de Antunes (2007), Bagno (2006), Bunzem (2006), Mendonça (2006), Neves (2003), Brito (2000), Pereira (2002), Cereja (2002), Rafael (2012), Santos (2005), Batista (1997), Travaglia (2004) Lopes-Rossi (2005) e os documentos oficiais OCEM (2008) e PCNEM (2000). Ao término da pesquisa, percebemos que as professoras não são tradicionalistas. Ao contrário, buscam novas formas de ensinar a partir de gêneros textuais e literários.

Palavras-chave: Concepções de ensino, Língua materna, Ensino médio.

Introdução

As práticas de ensino de língua, utilizadas pelos professores no ensino médio, ocorrem pelo privilégio da gramática. Muitas vezes, isso é justificado porque a gramática é vista como fundamental para o domínio da fala e da escrita. Essas práticas são realizadas através de exercícios de memorização e de descrição gramatical, estudo de regras, que são repetidos anos após anos, os quais não estimulam o aluno a refletir sobre o que estão estudando e se tal estudo será útil na vida prática, além de não contribuírem para o processo de formação e o desenvolvimento da competência em leitura e escrita do aluno.

Em um ensino tradicional de Língua Portuguesa, a Gramática é o objeto que constitui a figura central e está relacionada às condições escolares de transmissão, como a leitura, a escrita e a linguagem oral. Uma proposta para o ensino de gramática, integrado com a produção e compreensão de textos, com o ensino do léxico e do vocabulário, deve ser capaz de atuar no desenvolvimento das competências de leitura

¹Graduanda em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: Cristinanogueira61@hotmail.com.

e escrita exigidas no ensino médio.

Desta forma, o aluno será capaz de, em situações específicas de interação, produzir e compreender textos orais e escritos, que sejam adequados à produção de sentido na consecução de uma dada intenção. Também será capaz de utilizar, de modo adequado as variedades da língua.

Nesta perspectiva, este trabalho tem como objetivo geral identificar a concepção de professoras de nível médio na Escola Estadual Dr. Elpidio de Almeida, em Campina Grande, PB, acerca do ensino de língua materna e como essas concepções influenciam nas suas posturas didático-pedagógicas em sala de aula. A partir dos problemas apresentados nas metodologias das professoras, especificamente, pretende-se propor alternativas para uma educação linguística mais eficiente no ensino médio. A escolha deste objeto de estudo se justifica pelo fato de que em muitas metodologias trabalhadas pelos professores de ensino médio predomina o estudo tradicional da gramática. Muitas vezes, o ensino não atinge o objetivo esperado, que é desenvolver a competência de leitura e escrita do aluno, adequando-a às diversas situações de comunicação. Defendemos que a língua pode ser ensinada por meio de métodos que busquem oferecer resultados positivos, gratificantes e produtivos. É necessário que o professor não privilegie tanto a gramática e dê mais importância ao estudo da língua a partir do texto, visto como uma forma viva da linguagem.

Para a concretização do nosso trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo, de base exploratória, em março de 2014, com a aplicação de um questionário escrito no dia 20 de Março de 2014, com cinco professoras, na faixa etária de 29 a 54 anos. Todas atuam na Escola Estadual Dr. Elpidio de Almeida localizada no município de Campina Grande, PB. Em termos de escolaridade, duas possuem Mestrado e as outras três concluíram uma Especialização. O tempo de atuação das professoras no magistério varia de 2 a 28 anos. Para preservar a identidade, foram identificadas como P1, P2, P3, P4 e P5.

O ensino de Língua Portuguesa vem sendo questionado por vários linguistas. Mendonça (2006) e Antunes (2003, 2007) criticam a ênfase nas aulas de gramática, afirmando que as regras específicas não são suficientes para desenvolver no aluno a competência comunicativa em diversas situações de comunicação. Bagno (2002, 2004) e Buzem (2006) propõem uma nova prática de ensino, que privilegie o contato do aluno com as situações de leitura e escrita de textos, verbais e não-verbais, desprezando o

estudo de frases soltas, descontextualizadas e artificiais. Pereira (2002) defende que o professor de português não deve ser escravo de livros didáticos ou teorias, mas deve buscar novas metodologias para a prática de ensino. Para Neves (2003) e Brito (2000), os gêneros textuais que circulam nas diversas situações de comunicação constituem alternativas para estimular no aluno atividades de leitura e escrita de textos, diversos. Lopes-Rossi (2005) considera que o ensino da leitura deve ocorrer a partir do uso de gêneros textuais. Na opinião de Travaglia (2004) o ensino de gramática deve centrar-se na produção e compreensão dos textos, o que possibilita o desenvolvimento das competências dos alunos no ensino médio. Rafael (2012) discute a importância de o professor colocar em prática a inovação, seja com materiais didáticos ou em procedimentos teórico- metodológicos de tratamento da língua. Santos (2005) enfatiza os PCN como proposta adequada para um bom ensino. Batista (1997) mostra quais os problemas enfrentados pelos professores de português em sua prática de ensino. Os documentos oficiais, PCNEM (2000) e OCEM (2008), estabelecem diretrizes para um ensino eficaz.

Os PCNEM (2000) elencam várias competências a serem desenvolvidas pelo aluno no ensino médio. As OCEM (2008) orientam que o ensino médio deve garantir ao aluno a preparação básica para o prosseguimento dos estudos, inserindo-o no mundo do trabalho e no exercício cotidiano da cidadania. As OCEM (2008) também defendem que é necessário levar para a sala de aula textos de circulação na sociedade, pois é por meio das atividades de compreensão e produção de textos que o sujeito desenvolve uma relação íntima com a leitura, falando de si mesmo e do mundo que o rodeia. Sendo a linguagem uma capacidade humana de simbolizar, é pela interação social que o aluno aprende e apreende as formas de funcionamento da língua e os modos de manifestação da linguagem.

Ao término da pesquisa, percebemos que as professoras participantes não são tradicionalistas. Ao contrário, buscam novas formas de ensinar a partir de gêneros textuais e literários contextualizados, desmistificando, assim, o mito de que ser professor de escola pública é ser tradicional.

1. O ensino da língua materna no ensino médio

Antunes (2003) crítica a metodologia de ensino tradicional utilizada nas escolas de ensino médio, vista pelos alunos como algo desligado de qualquer atividade prática. Os alunos estudam o assunto para serem cobrados em uma avaliação. Segundo a autora,

se o que predomina nas aulas de português continua sendo o estudo de nomenclaturas e classificações gramaticais, ir à escola e estudar português pode não ter muita importância, principalmente para quem precisa, de imediato, adquirir competências em leitura e em escrita de textos. (ANTUNES, 2003, p 16).

A abordagem pedagógica que apenas privilegia as regras específicas da gramática não é suficiente para que o aluno saiba interagir nas diversas situações de comunicação, por não priorizar a formação de competências e habilidades, nem ampliar as práticas de letramento do aluno. A figura do professor que transmitirá a gramática é essencial. Esse professor, como afirma Pereira,

antes de mais nada, não será um acomodado, abrindo a Gramática e lendo conceitos ou usando o livro didático como muleta e não complemento. Não poderá chegar e dizer: "Hoje vamos aprender Sujeito e Predicado. Sujeito é... Predicado é..." (PEREIRA, 2002, p, 246).

O professor não pode dar prioridade à gramática, repetindo o que ali está escrito e tão somente aquilo, sem dar espaço para que o aluno reflita, exponha suas ideias, contradições e dúvidas. Esse não é objetivo das aulas de Língua Portuguesa. Na vida cotidiana, não produzimos frases, parágrafos, ou descrições, mas falamos e escrevemos para comunicar algo, através da interação entre sujeitos.

As atividades desenvolvidas pelos professores centra-se em textos verbais e não-verbais, explorados nas suas dimensões de efeitos de sentido. Essas práticas são benéficas para a formação dos jovens. Como afirma Antunes (2007, p. 65), “não é para ensinar apenas gramática”, mas ensinar a partir de formas de organização textual-discursivas, utilizadas nas diversas esferas sociais de uso da leitura e da escrita dos textos. Para Bunzem (2006, p. 21), é essencial trazer as “práticas sociais de leitura (literária, Não literária, Plurissemiótica) e de compreensão de textos orais, de produção de texto (oral e escrito) e de análise linguística para dentro da escola [...]”.

As escolas ensinam teorias. Então, cabe também ensinar o que o aluno deve fazer com essas teorias, relacionando-as com a vida, mostrando que o ensino poderá ser

utilizado nas diversas situações de comunicação. É importante que a instituição escolar promova ao aluno, não só conteúdos para falar, ler e escrever, mas considerar o estudo da língua, assegurando também a transferência dos conhecimentos aprendidos para a prática. Só assim, o indivíduo passa a exercer e ocupar um papel importante na sociedade.

1.1 O papel da escola no contexto escolar

A escola possui papel importante na formação da cidadania do aluno. Esta instituição poderá promover o aumento do repertório linguístico, dando inúmeras possibilidades para que os alunos possam utilizar as variantes linguísticas adequadas no ato da comunicação. Para isso, é necessário um espaço destinado à biblioteca, salas de leitura e acesso à internet.

Outro fato que merece destaque é em relação à leitura que o professor traz consigo, pois “antes mesmo de levá-la para a sala de aula, o professor de português deve ser para todos os efeitos, um leitor assíduo, funcionalmente múltiplo e “amante” de textos literários e não literários” (ANTUNES, 2007, p. 156). Só assim, estará apto a mediar o contato dos alunos com as situações de leitura e escrita.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM, 2008), afirmam que, ao ingressar no ensino médio, o aluno traz conhecimentos no ensino fundamental. Desta forma, o ensino de língua deverá objetivar a ampliação dos conhecimentos que os alunos já possuem possibilitando-lhes aprimorar a capacidade de ler, de interagir em público e se expressar melhor oralmente.

Bagno (2004) afirma que a escola deve oferecer e dar oportunidade a todos os brasileiros, qualquer que seja a sua origem, para que possa tornar o aluno usuário competente das múltiplas variedades da Língua Portuguesa, conforme as suas tendências e necessidades.

A escola, na maioria das vezes, concebe o aluno inapto para a leitura, e em consequência, leva-o para um processo de estudo de frases soltas e descontextualizadas. Essa metodologia constitui uma atividade mecânica e sem projeções para uma formação crítica e com qualidade, visto que não se atenta para as diversas situações da leitura. Tal metodologia é direcionada para trabalhar a gramática tradicional, sem atentar para a

leitura. A escola também limita a compreensão do texto, não dá chances para que os alunos posicionem-se perante o texto com uma leitura que vá além da superfície.

As lições gramaticais presentes nos livros didáticos desconhecem a variação e mudança, a liberdade que o falante tem no uso da língua para compor seus enunciados. Neves (2003) afirma que as lições de gramática nos livros didáticos aparecem como se houvesse um conjunto de paradigmas que levassem ao que se considera usar adequadamente a língua. A autora defende a redução das atividades gramaticais, pois a linguagem não se esgota em regras absolutas.

No ambiente escolar, o texto, muitas vezes, é transformado em pretexto para exemplificação ou para exercícios de reconhecimento da classificação gramatical, ignorando a dinamicidade do processo de significação. Sobre essa questão Cereja comenta que:

[...] dificilmente se consideram a leitura e interpretação efetiva do texto como atividades necessárias aos estudos gramaticais. Em outros termos, na organização dos trabalhos da disciplina língua portuguesa, existe a hora da leitura e da interpretação textual e existe a hora do estudo da gramática, que se faz contextualizado em textos (CEREJA, 2002, p. 249).

Neves (2003) afirma que a atenção escolar se concentra na produção escrita, ignorando as possibilidades contorcidas que a variedade da língua mantém à disposição de seus usuários para se construir enunciados. Segundo a autora, o insucesso no desempenho escrito, que mais tarde se verificará, é inevitável. Mesmo sabendo que as lições gramaticais não levarão a um bom desempenho textual por parte dos alunos, a escola usa a gramática tradicional para corrigir “erros” verificados na produção textual.

Todos os usuários da escrita precisam, em um determinado momento da aprendizagem, e em situações novas, conhecer diferenças entre a variedade que fala e um padrão para a língua escrita em um determinado gênero. É participando de situações complexas que o aluno vai se familiarizando e construindo representações de como falar ou escrever.

2. Novas perspectivas para o ensino da língua portuguesa

No contexto do ensino médio, o professor precisa ser crítico, fazer com que o aluno demonstre a sua opinião diante das teorias diversas, lembrando-se que, como usuário da língua, tem direitos e deveres. Ser consciente de que também aprende com o aluno, porque se há troca de conhecimentos, há interação e aprendizado por ambas as partes. O professor de Língua Portuguesa não deve ser escravo de livros ou teorias de livros didáticos, mas deve se preocupar em dar e fazer o melhor nas práticas de ensino.

É necessário o professor estabelecer situações que permitam aos alunos a apropriação de características discursivas e linguísticas dos gêneros textuais trabalhados. Será por meio de projetos pedagógicos, com objetivo de estabelecer atividades com a leitura e com a produção textual, que os alunos poderão através, do estudo dos diversos gêneros textuais, perceber o uso, as funções sociais e os elementos que os compõem. Os gêneros textuais se constituem nas diferentes formas de linguagem que circulam na sociedade. São organizados nas diversas situações de comunicação do nosso dia a dia.

O ensino com o uso de gêneros textuais favorece não só a modalidade escrita da língua como a falada (MARCUSCHI, 2008). Partirmos do pressuposto de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Daí a importância de um ensino baseado no uso da diversidade de gêneros textuais. O trabalho pedagógico com gêneros textuais propicia uma relação de proximidade entre leitor e o texto, visando uma qualidade no ensino-aprendizagem. Conforme Marcuschi (2008), quando dominamos um gênero textual, somos capazes de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.

A leitura é um ótimo suporte para as práticas escolares. Para tanto, o professor deverá promover um espaço destinado ao debate e ao diálogo, para que o aluno construa o seu próprio ponto de vista e, de acordo com o tema apresentado nos gêneros textuais, ele possa partilhar com os colegas e professores os sentidos do texto.

Brito (2000), afirma que uma prática pedagógica centra-se em um tripé composto por: produção textual, leitura de textos e na análise linguística. A produção de textos é o lugar da subjetividade, em que o sujeito articula um determinado ponto de vista sobre o mundo, veiculado a uma formação discursiva. Realiza-se na modalidade oral ou escrita e nas diversas variedades linguísticas. A leitura de textos ocorre, ao

mesmo tempo, em atividades de produção. A leitura é a busca de informações, parte do interesse de conhecer como o autor apresenta um determinado assunto, através de novas experiências e interpretações, permitindo novas descobertas. A análise linguística ocorre no interior das práticas de leitura e produção e é vista como uma reflexão gramatical, como unidade de interação verbal. Proporcionar atividades de análise linguística que permitam ao aluno compreender o processo de interação social, constitui a melhor opção para o processo de ensino aprendizagem da Língua Portuguesa.

Dessa forma, devemos utilizar o texto como instrumento de nossas aulas e torná-lo mais importante e presente no cotidiano dos alunos, trazer para a sala de aula os mais diversos gêneros textuais que circulam em nossa sociedade. Santos (2005) cita Travaglia quando discute o ensino de língua materna e a importância de o professor desenvolver a competência comunicativa de leitura e escrita dos alunos, em vez de mostrar-lhe apenas regras gramaticais.

Os PCN criticam o ensino descontextualizado, em que o texto é utilizado como pretexto para se trabalhar a gramática tradicional, através de frases descontextualizadas e fora da realidade do aluno. Quanto à inovação, os PCN enfatizam a utilização do texto e não a frase como objeto de ensino. A leitura e a produção de textos servem de base para a formação do aluno, mostrando que a língua não é homogênea, mas acontece através de várias possibilidades condicionadas pelo uso e pela situação discursiva. O ensino de língua mais produtivo aparece no texto dos PCN “toda a educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva” (SANTOS, 2005, p. 174). É na percepção discursiva que o aluno poderá se constituir como cidadão e exercer seus direitos como usuário da língua.

3. O ensino de língua materna no discurso das professoras

Dentro do percurso metodológico, foi aplicado um questionário escrito com cinco professoras que atuam nas turmas de nível médio. O questionário envolvia 10 questões, 04 voltadas para o âmbito pessoal e 06 para o profissional. O intuito era analisar as concepções de ensino das professoras e como essas concepções influenciavam sua prática de sala de aula. A primeira questão relacionava a visão das

professoras sobre a sua prática profissional no nível médio. O Quadro 1, apresentado a seguir, mostra as respostas a essa questão.

Quadro 1- Respostas das professoras à questão 05.

Como você vê o ensino de língua portuguesa no ensino médio?	
P1	Oportunidade de desenvolver e aprimorar a competência comunicativa dos alunos a partir do trabalho com gêneros textuais diversos.
P2	Vejo de forma preocupante, pois alguns alunos chegam sem objetivos fundamentais para alcançarem as competências exigidas como as discursivas, linguísticas e estilísticas.
P3	Como forma de desenvolver a competência comunicativa, a fim de proporcionar a aproximação do aluno com os gêneros textuais e literários.
P4	Momento de desenvolver a leitura e a escrita dos alunos por meio dos gêneros.
P5	Como etapa de preparação para os vestibulares com textos diversos.

Nas respostas, observamos que as professoras P1 e P3 veem o ensino médio como etapa de desenvolver a competência comunicativa do aluno. A P4 vê o ensino como o momento de desenvolver a leitura e a escrita dos alunos por meio dos gêneros textuais. A P2 e a P5 veem o ensino de forma diferente. A primeira se preocupa com a maneira como os alunos chegam ao ensino médio, “sem objetivos fundamentais para alcançarem as competências exigidas como as discursivas, linguísticas e estilísticas”. A segunda vê o ensino como etapa de preparação para o vestibular, como competição para se alcançar uma vaga na universidade.

Consideramos que, por estarem atuando há mais tempo no magistério, P2 e P5 poderiam buscar novas formas de tornar as aulas de Língua Portuguesa mais atrativas para os alunos. Uma dessas formas seria organizar o ensino em torno dos gêneros textuais, por constituírem uma ótima opção para desenvolver a leitura. Dessa forma, as professoras aproximam o ensino da vida cotidiana e instrumentalizam os alunos com ferramentas linguísticas que, efetivamente, o educando irá encontrar no dia a dia. Isso acontece através dos gêneros textuais fazem parte do universo dos alunos, tais como: letras de músicas, charges, tirinhas, propagandas etc. Em seguida, as professoras podem fazer uma seleção dos gêneros a serem estudados, verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre tais gêneros, promover debates entre os alunos, observando os aspectos discursivos, temáticos e composicionais dos gêneros.

As P1, P3 e P4, apesar de terem pouco tempo de atuação no magistério, defendem uma proposta parecida com a de Bagno (2002), pois consideram que o objetivo da aula de Língua Portuguesa é ampliar a competência comunicativa do aluno,

para que ele possa falar, ouvir, ler e escrever textos adequados às situações sociais inseridas no seu dia a dia.

Sobre esse assunto, Bagno propõe que,

[...] a prática pedagógica e os interesses do professor de língua enquanto pesquisador deveria concentrar no conceito de letramento, o que exigiria uma dedicação cada vez maior às atividades de leitura e de escrita e uma necessária reformulação do ensino de gramática em seus moldes tradicionais (BAGNO, 2002, p. 79).

A metodologia tradicional de ensino precisa de um novo caminho, diferente do que se vem percorrendo. A realização de exercícios para a memorização de regras gramaticais não estimula o aluno a refletir sobre o que está estudando. Muitas vezes, o aluno não vê aplicação prática dos estudos no contexto em que ele está inserido. Assim, sente dificuldade em desenvolver suas competências comunicativas. Se o professor não mudar as metodologias de ensino, não vai chegar aos objetivos pretendidos, dentre eles, desenvolver a leitura e a escrita dos alunos. O processo de inovação aponta para a importância de se utilizar novos materiais didáticos no contexto do ensino médio. Neste âmbito, o Quadro 2 apresenta as respostas das professoras quanto à utilização de outros materiais didáticos em sala de aula, além do livro didático.

Quadro 2- Respostas das professoras à questão 06.

Você costuma utilizar outros materiais didáticos além do livro didático?	
P1	Jornais, revistas, etc.
P2	Vídeos, data show, revistas, jornais.
P3	Revistas, vídeos, etc.
P4	Revistas, data show e textos diversos...
P5	Jornais, vídeos, data show.

Nas respostas, fica evidente que as professoras investigadas não trabalham apenas com o livro didático. Elas afirmam buscar novos materiais em jornais, revistas, vídeos projetados em sala de aula no data show, o que permite uma maior visualização e entendimento por parte dos alunos das temáticas e dos gêneros estudados. Defendemos que a utilização de gêneros textuais diversos, além do livro didático, possibilita ao aluno prestar mais atenção nos assuntos abordados, torna a compreensão maior, desperta o interesse pela leitura.

Os desafios são enormes na prática docente. A educação necessita de novos caminhos e metodologias para se chegar a um bom trabalho no processo de ensino e aprendizagem. Os gêneros textuais possibilitam mudar as práticas de ensino tradicional

abordadas pelos professores no ensino médio. Diante disso, é preciso repensar os métodos utilizados e, principalmente, tentar romper com algumas dificuldades, tais como material didático, recursos tecnológicos e alunos dispersos. Neste contexto, no Quadro 3 estão elencadas algumas razões que, segundo as professoras, provocam as dificuldades encontradas nas turmas de ensino médio.

Quadro 3- Respostas das professoras à questão 07.

Quais as dificuldades encontradas na sua prática profissional?	
P1	Comportamento dos alunos, conhecimentos prévios ineficientes dos alunos, etc.
P2	Material didático.
P3	Material didático e principalmente, recursos tecnológicos que a escola não dispõe.
P4	Falta de recursos tecnológicos, comportamento dos alunos.
P5	Projetos que visem trazer atividades interativas, falta de interesse, alunos dispersos, sem objetivos, com baixo nível de rendimento, etc.

As professoras afirmaram enfrentar dificuldades nas turmas do ensino médio, devido a vários motivos, dentre eles: “o comportamento dos alunos, a falta de interesse, alunos dispersos, sem objetivos, e com baixo nível de rendimento”. As P2, P3 e P4 apresentaram a ausência de material didático e de recursos tecnológicos como as dificuldades encontradas na prática de ensino. Essa postura de diferencia da postura assumida na questão 06, quando afirmaram levar para o contexto do ensino médio novos materiais, como: textos diversos, revistas, jornais, vídeos, além do livro didático. Essa afirmação alia-se à reclamação de professores formadores e em formação sobre a não inserção dos recursos tecnológicos na aula de Língua Portuguesa da Educação Básica (RAFAEL, 2012). As dificuldades ocorrem pelo fato de que em muitas escolas não há disponibilidade de recursos tecnológicos e nem material didático, benefícios essenciais para um melhor trabalho pedagógico em sala de aula.

As professoras P1 e P5 apontaram os conhecimentos prévios ineficientes e a falta de interesse dos alunos como as dificuldades mais marcantes. A postura assumida pelas professoras mostra que elas não levam em consideração os conhecimentos de mundo que os alunos possuem para usar nas diversas situações de interação social.

Essa realidade descrita pelas professoras pode ser comparada com a afirmação de Rafael (2012), segundo o qual, as comunidades escolares da educação básica vão sempre ensinar a ler e a escrever apoiados na hipótese deficitária dos alunos que sabem ou aqueles que não querem aprender. Conhecer esses problemas é um pré-requisito para a descoberta de soluções, para poder modificar uma dimensão das próprias condições

em que o professor realiza seu trabalho e, assim, modificar a natureza do saber que ele transmite. Muitos elementos constituem condições para o exercício da transmissão de saberes na escola, tais como: as relações sociais escolares, as formas de avaliação e de exercício, o tempo, o espaço escolar e a organização do trabalho em sala de aula. Essas condições são frequentemente esquecidas, interferindo nos saberes transmitidos na escola.

O ensino voltado para a realidade dos alunos é de grande importância. Para tanto, é preciso que o professor combine os estudos linguísticos e literários para poder formar o aluno como um leitor crítico. Segundo Lopes-Rossi (2005), Os gêneros textuais e literários devem ser o ponto de partida para se trabalhar os conteúdos de gramática, produção textual e literatura. Os gêneros textuais são textos que usamos no nosso dia a dia, podem ser literários ou não. Apresentam tipos específicos de textos que exercem uma função social, tanto oralmente quanto na escrita e auxiliam na comunicação. Podemos reconhecê-los através da estrutura, pois possuem características, conteúdos e estilos próprios. Já os gêneros literários apresentam características de acordo com o conteúdo e o estilo, são separados em épico, dramático e lírico.

Esse ensino deverá partir de situações reais nas diferentes esferas sociais de comunicação. O Quadro 04 apresenta as respostas das professoras quanto ao trabalho com conteúdos de gramática, literatura e a produção textual em sala.

Quadro 4- Respostas das professoras à questão 08.

Como você trabalha os conteúdos de gramática, de literatura e a produção textual em sala de aula?	
P1	A partir do trabalho com gêneros textuais diversos.
P2	A gramática textualizada, literatura busco trabalhos pesquisados com a ajuda da internet levo-os através de exemplos uma produção textual.
P3	Por meio de gêneros textuais e literários.
P4	Através de textos diversos, busco pesquisar em jornais e internet.
P5	Trabalho com a gramática em textos, a literatura em gêneros literários diversos e a produção textual, busco levar vários exemplos destes, antes de pedir a produção textual, depois faço o trabalho da reescrita para chegar ao produto final.

Observamos que as professoras compartilham da mesma ideia de trabalhar os conteúdos de gramática, literatura e produção textual a partir de gêneros textuais e literários. Embora P2 e P5 apresentem mais tempo de atuação no magistério, elas não apresentaram uma postura tradicional, buscam novas metodologias de ensino. Afirmaram que, através de pesquisas na internet, levam para a sala de aula diversos

textos, proporcionando, assim, o contato do aluno com os gêneros que circulam nos meios sociais. Essa postura as diferencia da postura assumida na questão 5, quando afirmaram considerar o ensino de língua como uma “etapa de preparação para os vestibulares”. A proposta defendida pelos PCNEM (2000) afirma que o estudo dos gêneros textuais e dos modos como se articulam estabelece uma visão ampla das possibilidades de usos da linguagem. O trabalho pedagógico com gêneros textuais deve possibilitar ao discente um maior desempenho no processo de leitura, produção textual e, conseqüentemente, um maior domínio da linguagem em situações de comunicação. Como defende Lopes-Rossi,

o professor deverá organizar em sequências de atividades com a seleção de uma certa quantidade de textos do gênero a ser estudado; distribuição desses textos para os alunos; levantamento de conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero; comentários sobre aspectos discursivos do gênero, atividades para observação de seus aspectos temáticos e composicionais[...] (LOPES-ROSSI, (2005, p. 86).

O trabalho com os gêneros textuais permite/possibilita ao aluno a aquisição da competência linguística na leitura e na escrita. Ele aprende a diferenciar as especificidades de cada gênero textual o contexto de escrita, a função, o processo da organização das ideias, até a concretização do material escrito e as condições de produção, tendo sempre em vista os possíveis interlocutores. Para isso, é preciso que os gêneros sejam usados em sequências de atividades na sala de aula.

Com relação ao trabalho a ser desenvolvido com os gêneros textuais, Lopes-Rossi (2005, p. 81) afirma que “pode ser feito com muita eficiência por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e às funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, à sua produção escrita e circulação social”.

É papel do professor utilizar sua criatividade para obter novos métodos de ensino que busquem desenvolver habilidades a serem adquiridas no ensino médio e o ponto chave é ir além da gramática. É isso que defende Antunes (2007), ao refletir sobre os usos linguísticos feitos por sujeitos sociais, ou seja, a língua que usamos no dia a dia. Para autora, a escola deve priorizar e dar oportunidade ao educando de se apropriar do dialeto padrão e da modalidade oral, que irá ser utilizada nas situações formais, em público, e da modalidade escrita, usada nas situações de escrita textual.

Para que o professor de Língua portuguesa obtenha uma aula proveitosa em todos os sentidos, é necessário que ele seja inovador e um competente pesquisador. Sobre esse aspecto, questionamos as professoras acerca da visão que elas possuem de si mesmas como profissionais. O Quadro 05 mostra as respostas dada à essa questão.

Quadro 5- Respostas das professoras à questão 09.

Você se considera um professor:	
P1	Reflexivo
P2	Pesquisador
P3	Pesquisador
P4	Pesquisador
P5	Pesquisador/educador

A maioria das professoras consideram-se pesquisadoras. A pesquisa é essencial para que o professor deixe de levar para a sala de aula conteúdos tradicionais e passe a ser inovador e produtor de conhecimentos. Bagno (2002) considera que a prática pedagógica e os interesses do professor de língua materna, enquanto pesquisador, deveriam concentrar-se no conceito de letramento, o que exigiria uma maior dedicação em atividades de leitura e escrita de textos. Neste contexto, percebemos a importância do professor ser pesquisador/reflexivo. A partir das pesquisas são criadas melhorias no ensino e nas práticas pedagógicas. Também é o momento de o professor refletir sobre a sua prática, passando a identificar problemas em sala de aula, para criar novas formas de abordagem de um assunto específico.

O professor poderia também desenvolver uma nova abordagem dos elementos da língua mais sistematizada, não condicionada apenas ao uso que o aluno faz da língua. Para tanto, deverão ser apresentados ao aluno novos recursos e possibilidades da língua, de que certamente ele precisará em muitas situações de interação comunicativa em sua vida. O professor não é mais aquele que transmite conhecimento, mas se apresenta como um facilitador da aprendizagem; e o aluno é um ser ativo que busca o conteúdo mais importante para ele e participa do processo de interação no ensino/aprendizagem. Sobre o aspecto da interação no ensino, buscamos verificar se isso acontece nas aulas ministradas pelas professoras. No Quadro 6 estão apresentadas as opiniões delas sobre essa questão.

Quadro 6- Respostas das professoras à questão 10.

Na sua opinião, suas aulas estão dentro de um ensino interativo ou tradicional? Por quê?	
P1	Dentro de um ensino interativo, pois tento de uma forma lúdica, interar os alunos com o

	assunto abordado.
P2	Interativo, por buscar trabalhar a linguagem a partir de situações concretas de uso (interações) social.
P3	Através da interação, sempre busco trazer textos para trabalhar determinados temas em um gênero específico.
P4	Interativo, incentivando a troca de informações, ativando os conhecimentos prévios dos alunos.
P5	Interativo, incentivando a troca de informações e aprendizado.

Nas respostas das professoras, constatamos que o ensino interativo está à frente do ensino tradicional. Todas afirmaram que trabalham dentro de um ensino interativo, mas quando vão explicar a razão, as respostas estão contraditórias. Elas não descreveram como realizam um ensino interativo em sala de aula, quais metodologias são utilizadas e como esse ensino contribui para a formação do aluno.

Defendemos as aulas a partir de um ensino interativo, por ser dinâmico, buscar a construção da aprendizagem. Neste tipo de ensino, todos os alunos podem falar, levantar hipóteses, trocar experiências entre eles e o professor. O aluno não é tratado como uma pessoa que só ouve outra transmitindo informações que são acumuladas mecanicamente.

O professor espera um desempenho elevado do aluno, e deve se empenhar, motivando-o a aprender. O sucesso em sala de aula dependerá não apenas do empenho do professor, mas, também, do aluno através do processo de interação entre ambos. Na perspectiva de abordar novas metodologias para o contexto do ensino médio, o professor pode explorar conhecimentos oriundos de outras disciplinas, através da interdisciplinaridade com a participação efetiva de outros professores, que se sentirem empenhados a estimular nos alunos o gosto pela leitura e escrita. A interdisciplinaridade visa desenvolver um trabalho com conteúdos de outras áreas que contribuam para o aprendizado do aluno. Esse processo ocorre pela combinação de atividades do professor e dos alunos, como uma forma de superar a fragmentação entre as disciplinas, proporcionando um diálogo entre elas.

Poderá também estimular o aluno a pesquisar novas leituras, objetivando a formação de leitores críticos, defensores de opiniões bem fundamentadas. Além disso, questionar e induzir os alunos a lerem, proporcionar debates para que todos dialoguem, construindo um ponto de vista articulado sobre o objeto ou tema em estudo. Tendo em vista que não há unicamente uma solução para cada problematização, mas cada resposta é parcial e a junção de várias possibilidades contribui efetivamente para a construção de um conhecimento mais amplo, porém inacabado.

Toda prática em sala de aula parte da palavra do aluno e da contra palavra do professor, no momento de interação com o texto. Não se pode pensar o ensino de língua a partir de atividades mecânicas, de exercícios de repetição e de reconhecimento das estruturas. Ao se expressarem, os alunos utilizam a linguagem, as categorias de pensamento, como modo de problematizar o que está a sua volta.

Neves (2003) afirma que não podemos perder de vista o fato de que a produção do enunciado resulta da troca, através da interação linguística. O homem fala porque tem a capacidade de produzir linguagem, bem como apresentar também o domínio de uma língua particular, que depende do contexto que ele está inserido e um saber, que é o conhecimento de um idioma no qual se produz o discurso.

As metodologias interativas se distanciam do ensino tradicional, bastante questionado nas últimas décadas. As mudanças no âmbito escolar vêm sendo reforçadas pelos PCN, através de um ensino de língua contextualizado.

4. Considerações finais

O presente estudo objetivou investigar a concepção de professores de ensino médio, acerca do ensino de língua materna. Os dados apresentados demonstram que as professoras entrevistadas se preocupam com o aprendizado dos alunos, buscam ser inovadoras, utilizam metodologias diversificadas para trabalhar com gramática, literatura e produção textual. Entretanto, apresentaram contradições em algumas questões. Afirmaram que trabalham dentro de um ensino interativo, mas não conseguiram explicar como abordam esse ensino em sala de aula. Afirmaram também que os desafios encontrados na prática docente são inúmeros, pois se deparam com alunos dispersos, sem conhecimentos prévios necessários para compreender um assunto em um determinado gênero, o que dificulta o desenvolvimento da competência de leitura e escrita dos alunos.

Diante disso, propomos duas alternativas para que as professoras obtenham um bom desempenho em sala de aula. A primeira visa à conscientização quanto ao ensino de regras gramaticais com frases soltas, que não contribui no desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos. Para tanto é necessário centrar a prática de ensino a partir de leitura, produção de textos e análise linguística. Os gêneros textuais e literários também são uma ótima ferramenta para trabalhar o ensino de língua no contexto do ensino

médio. A partir da diversidade de gêneros, as professoras poderiam trabalhar com atividades que visem à construção de significados que o texto trás. É justamente a partir da interação do aluno com os textos que o estudo da Língua Portuguesa em sala de aula torna-se significativo uma vez que estes fazem parte do universo cultural do aluno.

Defendemos que a prática de leitura e produção de textos ultrapassa o ensino decodificador, ainda abordado em sala, e possibilita ao aluno o domínio efetivo da língua padrão em suas modalidades, oral e escrita, nas diversas situações de comunicação.

A segunda alternativa refere-se à formação continuada das professoras. Como não sabemos se as professoras participaram ou não de uma formação, sugerimos que elas estejam em constante processo de aprendizagem, buscando se qualificar. Principalmente as professoras que já estão na profissão há mais tempo. O desconhecimento de alguns documentos oficiais, que direcionam o ensino, pode levar as professoras a continuarem lecionando através de um ensino tradicional, com o uso de regras gramaticais descontextualizadas. O acesso a tais documentos (PCN, OCEM etc.) pode acontecer em cursos de atualização, providos por órgãos competentes.

Com a formação continuada, as professoras entrevistadas poderão melhorar sua prática docente e seu conhecimento profissional e assumirem o papel de facilitadoras e mediadoras do conhecimento do aluno, proporcionando uma aprendizagem que conduza ao exercício da cidadania.

Resumen

Este trabajo tiene por objetivo general identificar la concepción de profesoras de enseñanza media acerca de la enseñanza de lengua materna y como esa concepción influencia los procedimientos didácticos-pedagógicos en sala de clase. A partir de los problemas presentados en las metodologías de las profesoras, específicamente, pretenderse proponer alternativas para una educación lingüística más eficiente en la enseñanza media. La investigación fue realizada en la Escuela Estadual Dr. Elpidio de Almeida, en la ciudad de Campina Grande, en Marzo de 2014. La elección de este objeto de estudio justificase por hecho de que en muchas metodologías trabajadas por profesores del enseñanza media predomina el estudio tradicional de la gramática. Muchas veces, esa enseñanza no alcanzar el objetivo esperado que es desarrollar la competencia comunicativa del alumno, adecuando a las diversas situaciones de comunicación. Servirán como soporte teórico-metodológico los estudios de Antunes (2007), Bunzem (2006), Mendonça (2006), Neves (2003), Brito (2000), Pereira (2002), Cereja (2002), Rafael (2012), Santos (2005), Travaglia (2004), Lopes-Rossi (2005) y los documentos oficiales OCEM (2008) y PCNEM (2000). Al término de la investigación, percibimos que las profesoras no son tradicionalistas, al contrario, buscan nuevas formas de enseñanza a partir del géneros textuales y literarios.

Palabras-clave: Concepciones de enseñanza. Lengua materna, Enseñanza médio.

Referências

ANTUNES, Irandé. **A aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

———. **Muito além da gramática: por um ensino sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2004.

———. STUBBS, Michael; GAGNE, Gilles. (Orgs.). **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BATISTA, Antônio A. G. Quando se ensina português, o que se ensina In:——— **Aula de português: discurso e saberes**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 1-11.

BRITO, Luiz P. Sujeito da linguagem, sujeito de ensino In:———. **A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical**. Campinas, SP: Mercado de Letras/ ABL, 2000, p. 153-165.

BUNZEM, Clécio. MENDONÇA, Márcia. Sobre o ensino de língua materna no ensino médio e a formação do professor In: KLEIMAN, Angela B. **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 11-22.

CEREJA, William R. Gramática: interação, texto e reflexão- uma proposta de ensino e aprendizagem de língua portuguesa nos ensinos fundamental e médio. in: BASTOS, Neusa B. (Org) **Língua Portuguesa: uma visão em mosaico**. São Paulo: EDUC, 2002, p. 247-254.

LOPES-ROSSI, Maria A. G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005, p. 79 -93.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: KLEIMAN, Angela B. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 199-226.

NÓBREGA, Maria J. Perspectivas para o trabalho com a análise linguística na escola. In: AZEREDO, José C. **Língua portuguesa em debate**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 74-85.

NEVES, Maria. H. M. Uma gramática escolar fincada no uso linguístico. In:——— **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003, p.110-127.

Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica Brasília, 2008.

PEREIRA, Maria Theresa Gonçalves. O professor de língua portuguesa: modos de ensinar e de apre(e)nder In: AZEREDO, José C. **Língua portuguesa em debate**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 244-249.

PEREIRA, Maria T. G. A apropriação da realidade sob a ótica da língua portuguesa. In: HENRIQUES, Cláudio C. **Língua e transdisciplinaridade:** rumos, conexões, sentidos. São Paulo: Contexto, 2002, p. 257-631.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006, p. 33-38.

Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Ministério da Educação, Conselho Nacional da Educação. Brasília, 2000.

RAFAEL, Edmilson Luiz. Refletindo sobre a relação novo/velho no ensino de português In: MILREU, Isis; RODRIGUES, Márcia C. (Orgs.). **literatura:** políticas, práticas e projetos. Campina Grande, PB, Bagagem/UFCG, 2012, p. 131-144.

SANTOS, Leonor W. dos. O ensino de língua portuguesa e os PCN In: PAULIUKONIS, Maria A. L.; GAVAZZI, Sigrid (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 173- 184.

TRAVALIA, Luiz C. O ensino de língua materna- Gramática e texto: alguma diferença? In:——— **Gramática: ensino plural**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2004, p.43-55.